

Quando a dança é o elixir da vida

Grupo de portadores de necessidades especiais esbanjam alegria nos palcos da capital

Fernando Bizerra Jr / BG Press

FLÁVIA ROCHET
REPÓRTER DO JB

Um grupo de dança diferente. Criatividade, arrojo e muita alegria. Assim é o trabalho da Cia de Rodas - Brincadeira de Cadeira de Rodas. O grupo, patrocinado pelo Programa de Apoio ao Portador de Necessidades Especiais da Universidade de Brasília (UnB) é formado por estudantes e pessoas da comunidade. Com proposta de promover a inclusão social, os dançarinos mostram ao público de Brasília a arte da dança contemporânea.

Em maio do ano passado, a bailarina Marta Peres e a aluna de enfermagem da UnB Alice Lima de Miranda, foram convidadas para dançar em um evento sobre inclusão social. Com propaganda boca-a-boca, outros dançarinos foram se unindo ao recente grupo. A união realmente faz a força. Entre portadores de necessidades especiais e pessoas da comunidade, são 10 pessoas se apresentando em diversos locais da cidade. O grupo já fez show na Sala Martins Penna, na abertura do *Dia D de dança*, no Americel Hall e na própria UnB.

Hoje são 10 integrantes do Cia de Rodas, entre andantes, cadeirantes, figurinista, coreógrafa e ajudantes. Os treinos são todas as terças e quintas-feiras, de 12h às 14h, no Complexo das Artes, na UnB.

— A dança não é privilégio só de dançarinos. Nós somos



RODAS No grupo, patrocinado pela UnB, cuja proposta é promover a inclusão social, os dançarinos se dedicam à arte da dança

um grupo que produzimos um trabalho corporal e de preparação. O resto é pura improvisação e criatividade — explica Marta Peres, coreógrafa, fisioterapeuta e doutoranda em sociologia na UnB.

Além de uma das criadoras do grupo, ela já trabalhou com dança no Hospital Sarah Kubitschek. Sempre com reabilitação de pacientes com alguma deficiência física. A dança é contemporânea.

Para mostrar toda a arte, o grupo prepara para setembro o espetáculo *Brincadeira de dança*, abordando a inclusão, o preconceito social e a modernidade.

— O portador de necessidades especiais caminha para dentro. A dança é expressão do corpo e dos sentimentos. A auto-estima deles melhorou muito desde que começaram a se envolver com a dança — conta Marta.

Todas as pessoas que che-

garam ao grupo não foram por acaso. Cada uma, segundo Marta, tinha o seu papel. Com total harmonia entre os participantes, a criação é coletiva. Alice Lima de Miranda, 20 anos, está levando a sério a nova profissão e promete aplicar a dança à profissão de enfermagem, que cursa há três semestres na UnB. Alice nasceu com uma má formação da medula e ficou sem o movimento das pernas.

— É uma experiência muito nova. Sempre gostei de dança, mas nunca pensei em levar a sério. Estou me sentindo mais livre por causa dos novos movimentos que estou conseguindo fazer. Estou descobrindo o meu corpo, sensações e emoções. Além de ser uma habilitação, é uma socialização e realização pessoal — afirma Alice.

flaviar@jb.com.br